

«Um *thriller* magistral.»

Library Journal



DISCLAIMER*
PURA COINCIDÊNCIA*

RENÉE KNIGHT



Para o Greg, o George,
a Betty e para a minha mãe, Jocelyn

1

Primavera de 2013

Catherine prepara-se, mas já nada a surpreende. Aperta o esmalte frio e levanta a cabeça para se olhar ao espelho. O rosto que olha para ela não é o mesmo com que se deitou. Ela já viu este rosto antes e esperava nunca mais voltar a vê-lo. Observa-se a esta nova luz forte e humedece um toalhete, limpando a boca e pressionando-o depois sobre os olhos, como se pudesse apagar o medo que vê neles.

– Estás bem?

A voz do marido assusta-a. Esperava que ele continuasse a dormir. Que a deixasse sozinha.

– Já estou melhor – mente, e apaga a luz. Depois, mais uma mentira. – Deve ter sido da comida que encomendámos para o jantar de ontem. – Vira-se para ele, uma sombra na calada da noite.

– Volta para a cama. Eu estou bem – sussurra. Ele está mais a dormir do que acordado, mas ainda assim estica o braço e pouisa a mão no seu ombro.

– Tens a certeza?

– Claro – responde ela. A única coisa de que tem a certeza é que precisa de ficar sozinha.

– A sério, Robert. Eu já vou.

Os dedos de Robert demoram-se um momento no seu braço e depois faz o que ela lhe pede. Ela espera até ter a certeza de que ele está a dormir e só depois volta para o quarto.

Olha-o ali caído, voltado para baixo, ainda aberto onde o deixou. O livro em que ela confiava. Os primeiros capítulos tinham-na embalado para um estado de complacência, tinham-na feito sentir-se à vontade com a insinuação da iminência de algumas emoções fortes, alguma coisa para manter o interesse na leitura, mas não lhe dera qualquer pista do que a esperava. Atraíu-a, lançou-lhe um engodo para que ela mergulhasse cada vez mais nas suas páginas, até perceber que estava apanhada na ratoeira. Depois, as palavras fizeram ricochete no seu cérebro e chocaram contra o seu peito, uma após outra. Foi como se uma fila de pessoas tivesse saltado para a frente de um comboio e ela, a condutora impotente, nada pudesse fazer para impedir a colisão fatal. Era tarde de mais para accionar os travões. Não era possível voltar atrás. Involuntariamente, Catherine tropeçara em si mesma enfiada nas páginas do livro.

Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas... O aviso está riscado com tinta vermelha. Uma mensagem em que não reparou quando abriu o livro. A semelhança com ela é inquestionável. Ela é um personagem crucial, a atriz principal. Embora os nomes tenham sido mudados, os pormenores são inconfundíveis, até o que vestia naquela tarde. Um pedaço da sua vida que ela manteve escondido. Um segredo que não contou a ninguém, nem sequer ao marido e ao filho – duas pessoas que estão convencidas de que a conhecem melhor que ninguém. Nenhuma criatura viva poderia ter feito aparecer, como por encanto, o que Catherine acabou de ler. No entanto, está impresso no papel para quem quiser ler. Ela pensava que o assunto estava morto e enterrado. Que estava acabado. Mas agora reapareceu. No seu quarto. Na sua cabeça.

Tenta apagá-lo com pensamentos da noite anterior, antes de pegar no livro. Pensa no prazer de se instalar na casa nova:

de vinho e jantar; de se enroscar no sofá; de dormitar diante da televisão e de ela e Robert se fundirem depois na cama. Uma felicidade tranquila que ela tomara como certa: porém, é demasiado tranquila para lhe trazer consolo. Não consegue dormir, por isso levanta-se e desce para o rés-do-chão.

Eles ainda têm um rés-do-chão, por pouco. Uma casinha, já não uma casa. Mudaram-se da casa antiga há três semanas. Dois quartos em vez de quatro. Para ela e Robert, dois quartos é o mais adequado. Um para eles. Um para hóspedes. Também optaram por uma planta aberta. Sem portas. Agora que Nicholas saiu de casa não precisam de fechar as portas. Acende a luz da cozinha, tira um copo do armário e enche-o. Não da torneira. Água fresca a pedido no novo frigorífico, que mais parece um roupeiro que um frigorífico. O pavor humedece-lhe as palmas das mãos com suor. Ela está quente, quase febril, e dá graças pela frescura do chão novo de pedra calcária. A água ajuda um pouco. Enquanto a engole, olha para as grandes janelas de vidro que se estendem nas traseiras desta casa nova e desconhecida. Lá fora está tudo negro. Não há nada para ver. Ela ainda não chegou à parte das persianas. Está exposta. Observada. Eles podem vê-la, mas ela não pode vê-los a eles.

2

Dois anos antes

Tive pena do que aconteceu, a sério que tive. Afinal de contas, ele não passava de uma criança: sete anos. E suponho que eu era *in loco parentis*, embora soubesse muito bem que nenhum dos pais queria que eu fosse *in loco* de coisíssima nenhuma. Nessa altura, eu já tinha descido muito baixo: Stephen Brigstocke, o professor mais detestado da escola. Estou convencido de que era o que as crianças pensavam, e os pais, embora nem todos: espero que alguns se lembrassem de como eu era antes, quando dera aulas aos seus filhos mais velhos. Em todo o caso, não fiquei surpreendido quando Justin me chamou ao seu gabinete. Já esperava. Demorou mais do que eu pensava, mas os colégios privados são assim mesmo. São pequenos feudos. Os pais podem pensar que controlam porque pagam, mas é evidente que não. Basta pensar no meu caso – quase não fui entrevistado para o cargo. Justin e eu tínhamos estudado juntos em Cambridge e ele sabia que eu precisava de dinheiro, e eu sabia que ele precisava de um professor-coordenador para a disciplina de Inglês. Os colégios particulares pagam mais do que o Estado e eu tinha anos de experiência a ensinar num liceu público. Pobre Justin, deve ter sido muito difícil para ele dispensar-me. Embaraçoso, percebem? E foi

uma dispensa, não um despedimento. Foi decente da sua parte e eu agradeço-lhe. Não poderia dar-me ao luxo de perder a pensão, e, de qualquer maneira, estava a chegar à idade da reforma, por isso, ele limitou-se a acelerar o processo. Na verdade, estávamos ambos à beira da reforma, mas a partida de Justin foi bastante diferente da minha. Ouvi dizer que alguns alunos até derramaram uma lágrima. No entanto, ninguém chorou por mim. Mas porque é que chorariam? Eu não merecia aquele tipo de lágrimas.

Não quero transmitir a impressão errada: não sou pedófilo. Não molestei a criança. Nem sequer lhe toquei. Não, não, nunca toquei nas crianças. A verdade é que as achava terrivelmente aborrecidas. Não é uma coisa horrível para dizer sobre crianças de sete anos? Para um professor, suponho que sim. Cansei-me de ler as suas enfadonhas histórias, embora tenha a certeza de que alguns se esforçavam muito para escrevê-las, mas, ainda assim, era aquela impressão que eles tinham de si mesmos de que, imagine-se, aos sete anos tinham alguma coisa para dizer que poderia interessar-me. E depois, uma noite, fartei-me. A catarse da caneta vermelha deixou de resultar e quando cheguei à composição daquele rapaz, não me recordo do seu nome, fiz uma crítica muito pormenorizada para lhe explicar porque é que me estava nas tintas para as férias da sua família no sul da Índia, onde tinham ficado na casa de aldeões. Bem, que maravilha para eles. É claro que ele ficou chateado com aquilo. É claro que ficou e eu lamento isso. E é claro que contou aos pais. Eu não lamento isso. Ajudou a apressar a minha saída e não restam dúvidas de que precisava de me ir embora, para meu bem e para o bem deles.

E agora ali estava eu, em casa, com muito tempo à minha frente. Um professor de Inglês reformado de um colégio particular de segunda ordem. Um viúvo. Preocupo-me com a possibilidade de estar a ser demasiado honesto – de o que disse até agora poder ser um pouco desagradável. Pode fazer-me parecer cruel. E o que fiz àquele rapaz foi cruel, reconheço. Mas, regra geral,

não sou uma pessoa má. No entanto, desde que Nancy morreu deixei as coisas descambar um pouco. Bom, está bem, muito.

É difícil acreditar que, há muito tempo, fui votado o Professor Mais Popular do Ano. Não pelos alunos do colégio particular, mas pelos alunos do liceu onde tinha leccionado antes. E não foi caso único, aconteceu vários anos seguidos. Um ano, acho que foi em 1982, a minha mulher Nancy e eu recebemos este prémio nas nossas respectivas escolas.

Eu segui Nancy para o ensino. Ela tinha seguido o nosso filho quando ele começou a frequentar o infantário. Ela ensinava crianças dos cinco aos seis anos na escola de Jonathan e eu fui colocado no liceu ao cimo da rua, onde ensinava alunos dos catorze aos quinze anos. Sei que alguns professores consideram que aquele grupo etário é complicado, mas eu gostava. A adolescência não é muito divertida, por isso, defendia que devíamos dar uma oportunidade aos pobres desgraçados. Nunca os obrigava a ler um livro se não quisessem. Afinal de contas, uma história é uma história. Não tem de ser apenas lida num livro. Um filme, um programa de televisão, uma peça de teatro – também têm uma narrativa para seguir, interpretar, desfrutar. Naquela época, eu era empenhado. Preocupava-me. Mas isso foi naquela época. Já não sou professor. Estou reformado. Sou viúvo.

3

Primavera de 2013

Catherine tropeça e culpa os saltos altos, mas sabe que tropeçou porque bebeu de mais. Robert estica a mão para lhe segurar no cotovelo, a tempo de evitar que ela caia para trás nos degraus de betão. Com a outra mão roda a chave na fechadura e empurra a porta de casa para abri-la, continuando a segurar-lhe o braço com firmeza enquanto a leva para dentro. Ela sacode os pés para descalçar os sapatos e tenta injectar alguma dignidade no andar quando se dirige para a cozinha.

– Estou tão orgulhoso de ti – diz ele, aproximando-se por detrás dela e abraçando-a. Beija a pele onde o pescoço curva para o ombro. Ela atira a cabeça para trás.

– Obrigada – diz, fechando os olhos. Mas, depois, este momento de felicidade desvanece-se. É de noite. Eles estão em casa. E ela não quer ir para a cama, embora esteja desesperadamente cansada. Sabe que não vai conseguir dormir. Não dorme bem há uma semana, mas Robert não sabe. Ela finge que está tudo bem e tem conseguido esconder este facto. Finge que está a dormir, deitada ao lado dele, sozinha na sua cabeça. Terá de inventar uma desculpa para explicar porque é que não vai já com ele para a cama.

– Vai subindo – diz ela. – Eu não demoro. Quero ir ver uns *e-mails*. – Sorri para encorajá-lo, mas ele não precisa de muito encorajamento. Tem de se levantar cedo na manhã seguinte, e é por isso que Catherine dá ainda mais valor ao verdadeiro prazer que ele parece ter sentido naquela noite em que ela foi o centro das atenções e ele o parceiro silencioso e sorridente. Ele não insinuou uma única vez que eram horas de ir para casa. Não, deixou-a brilhar e saborear o momento. É evidente que ela já fez isto por ele em muitas ocasiões, mas, ainda assim, Robert desempenhou o seu papel com elegância.

– Vou levar água para ti – diz ele.

Eles acabaram de chegar de uma festa, depois de uma cerimónia de entrega de prémios de televisão. Televisão a sério. Nada de telenovelas. Nada de dramas. Factual. Catherine recebeu um prémio por um documentário que fez sobre a preparação das crianças para o sexo. Crianças que deviam estar protegidas mas não estavam porque ninguém se preocupou o suficiente; ninguém se deu ao trabalho de cuidar delas. O júri descreveu o seu filme como corajoso. Ela foi descrita como corajosa. Eles não fazem ideia. Não fazem ideia de como eu sou na realidade. Não foi coragem. Foi determinação perseverante. No fundo, talvez tenha sido um pouco corajosa. Filmagens secretas. Homens predadores. No entanto, agora não tem coragem. Agora que está em casa, não tem coragem. Mesmo com as persianas novas, receia estar a ser observada.

As suas noites tornaram-se uma série de distrações para não pensar no momento inevitável em que estará deitada às escuras, acordada. Está convencida de que tem conseguido enganar Robert. Até a transpiração, que começa quando a hora de deitar se aproxima, conseguiu justificar com descontração como um efeito da menopausa. É claro que ela tem outros sinais de menopausa, mas não esta transpiração. Embora quisesse que ele fosse para a cama, depois de ele subir gostaria que estivesse ali com ela. Gostaria de ser suficientemente corajosa para lhe

contar. Gostaria de ter sido suficientemente corajosa para lhe contar naquela altura. Mas não foi. E agora é demasiado tarde. Aconteceu há vinte anos. Se lhe contasse agora, ele nunca compreenderia. Ficaria ofuscado com o facto de ela ter mantido um segredo durante todo este tempo. Ela escondeu uma coisa que ele sentiria que tinha o direito de saber. Por amor de Deus, ele é nosso filho, ouve-o dizer.

Ela não precisa que uma porcaria de um livro lhe diga o que aconteceu. Não esqueceu nada. O seu filho quase morrerá. Ela protegeu Nicholas durante todos estes anos. Protegeu-o de saber. Permitiu-lhe viver numa ditosa ignorância. Ele não sabe que quase não conseguiu chegar à idade adulta. E se ele tivesse ficado com alguma recordação do que aconteceu? As coisas seriam diferentes? Ele seria diferente? O relacionamento de ambos seria diferente? Mas ela tem a certeza absoluta de que ele não se lembra de nada. Pelo menos, nada que o aproxime da realidade do que aconteceu. Para Nicholas, é apenas uma tarde que se fundiu com tantas outras da sua infância. Ela pensa que ele até poderá recordar-se daquela tarde como uma tarde feliz.

Se Robert estivesse lá, talvez tivesse sido diferente. Bem, é evidente que teria sido diferente. Não teria acontecido. Mas Robert não estava lá. E ela não lhe contou porque não tinha de contar – ele nunca descobriria. E era melhor assim. É melhor assim.

Ela abre o computador portátil e procura o nome do autor no Google. É quase um ritual. Já o fez antes, esperando encontrar alguma coisa. Uma pista. Mas não há nada. Apenas um nome: *E. J. Preston*. É muito provável que seja inventado. «O Perfeito Desconhecido é o primeiro, e possivelmente o último, livro de *E. J. Preston*.» Não há uma única pista, nem sequer para o sexo. Não o primeiro livro *dele* ou *dela*. Foi publicado pela Rhamnousia; quando procurou a editora, confirmou o que já suspeitava, que é uma edição de autor. Ela não sabia qual o significado de Rhamnousia. Agora sabe. A deusa da vingança, também conhecida como Némesis.

É uma pista, não é? Pelo menos, para o sexo. Mas é impossível. Não pode ser. E mais ninguém conhecia aqueles pormenores. Ninguém que ainda esteja vivo. Excepto outras pessoas que estavam lá, é claro – pessoas anónimas. Porém, isto foi escrito por uma pessoa que se importa a sério. Isto é pessoal. Ela pesquisa para saber se há críticas. Não há nenhuma. Talvez ela seja a única pessoa que o leu. E, mesmo que outras pessoas o leiam, nunca saberão que ela é a mulher que está no seu centro. No entanto, alguém sabe. Alguém sabe.

Como diabo é que este livro foi parar à sua casa? Ela não se lembra de o ter comprado. Aparentemente, ele apareceu na pilha de livros junto à sua cama. Mas tem estado tudo num verdadeiro caos desde a mudança. Caixas e mais caixas ainda à espera de serem esvaziadas. Talvez ela própria o tenha posto ali. Tirou-o de uma caixa, atraída pela capa. Pode ser de Robert. Ele tem imensos livros que ela nunca leu e poderia não reconhecer. Livros que ele tem há muitos anos. Ela imagina-o a procurar na Amazon, a gostar do título, da capa, e a encomendá-lo *online*. Um acaso. Uma infeliz coincidência.

Mas a conclusão a que ela chega e em que começa a acreditar é que outra pessoa o deixou ali. Uma pessoa que entrou na sua casa, nesta casa que ainda não parece a sua. Entrou no quarto deles. Uma pessoa que ela não conhece pousou o livro na prateleira ao lado da sua cama. Cuidadosamente. Sem desarrumar nada. Do seu lado da cama. Sabe qual é o lado em que ela dorme. Para parecer que foi ela própria que o pôs ali. Os seus pensamentos amontoam-se, caindo uns sobre os outros até estarem torcidos e fragmentados. Vinho e ansiedade são uma combinação perigosa. Ela já devia saber que não deve misturar os seus venenos. Aperta a cabeça, que dói. Agora, dói-lhe sempre a cabeça. Fecha os olhos e vê a pinta branca de sol escaldante na capa do livro. Como raio é que este livro foi parar à sua casa?

4

Dois anos antes

Nancy já tinha morrido há sete anos e eu ainda não conseguira mexer nas suas coisas. As roupas continuavam penduradas no armário. Os sapatos, as carteiras. Ela tinha pés minúsculos. Tamanho 35. Os seus papéis e cartas ainda estavam na secretária e em gavetas. Eu gostava de ver aquelas coisas. Gostava de receber cartas para ela, embora fossem da companhia do gás. Gostava de ver o seu nome e a morada que partilhávamos escrita oficialmente. No entanto, quando me reformei, deixei de ter desculpa. Ela teria dito: «Acaba com isso, Stephen.» E foi o que fiz.

Comecei pelas roupas, tirando-as dos cabides, das gavetas, e pousando-as em cima da cama, prontas para a viagem para fora daquela casa. Tudo pronto, pensei, até ver um casaco de malha que tinha escorregado do cabide e estava escondido num canto do armário. É cor de urze. Na verdade, tem muitas cores. Azul, cor-de-rosa, roxo, cinzento, mas a impressão é a de urze. Comprámo-lo na Escócia antes de nos casarmos. Nancy costumava usá-lo como um xaile: as mangas, esvaziadas dos seus braços, caíam, moles, ao seu lado. Fiquei com ele, estou a segurá-lo agora. É de caxemira. As traças já o atacaram e tem um pequeno buraco no punho onde cabe o meu dedo mindinho. Ela teve-o durante

quase cinquenta anos. Aquele casaco sobreviveu-lhe e desconfio que também me vai sobreviver. Se eu continuar a encolher, como vai sem dúvida acontecer, daqui a pouco também me servirá.

Lembro-me de Nancy a usá-lo a meio da noite quando se levantava para amamentar Jonathan. Tinha a camisa de noite desabotoada, a minúscula boca de Jonathan à volta do mamilo e este casaco de malha sobre os ombros para se manter quente. Se ela me via a observar da cama sorria e eu levantava-me e ia fazer chá para os dois. Ela tentava sempre não me acordar, dizia que queria que eu dormisse e que não se importava de estar acordada. Ela era feliz. Éramos ambos. A alegria e surpresa de uma criança vinda na meia-idade, quando já quase tínhamos perdido a esperança. Não discutíamos para ver quem devia levantar-se ou quem estava a roubar o sono de quem. Não vou dizer que era a meias. Eu teria feito mais, mas a verdade é que era de Nancy que Jonathan precisava mais, não de mim.

Mesmo antes daqueles banquetes à meia-noite, aquele casaco de malha era um dos seus preferidos. Ela usava-o quando estava a escrever: sobre um vestido de Verão; sobre uma blusa; sobre a camisa de noite. Eu olhava da minha secretária e observava-a na sua, a martelar na máquina de escrever, com as mangas vazias a tremer ao seu lado. Sim, antes de sermos professores, Nancy e eu éramos escritores, mas Nancy parou de escrever pouco depois do nascimento de Jonathan. Disse que perdera a vontade, e, quando Jonathan foi para o infantário, decidiu arranjar lá um emprego como professora. Mas estou a repetir-me.

Nem Nancy nem eu tínhamos muito sucesso como escritores, embora ambos tivéssemos uma ou outra história publicada. Pensando bem, eu diria que Nancy tinha mais sucesso que eu, e, no entanto, foi ela que insistiu que eu devia continuar enquanto ela desistia. Ela acreditava em mim. Tinha muita certeza de que um dia aconteceria, que eu venceria. Bem, talvez tivesse razão. Eu fui sempre incentivado pela sua fé. No entanto, Nancy escrevia

melhor que eu. Nunca me esqueci disso, embora ela não reconhecesse. Apoiou-me durante anos, enquanto eu produzia palavra atrás de palavra, capítulo atrás de capítulo, e um ou dois livros. Todos rejeitados. Até que, graças a Deus, ela acabou por compreender que eu não queria escrever mais. Estava farto. Parecia-me errado. Foi difícil fazê-la acreditar em mim quando lhe disse que seria um alívio parar. Mas eu estava a falar a sério. Foi um alívio. A verdade é que eu sempre gostara muito mais de ler do que de escrever. Para ser um escritor, para ser um bom escritor, a pessoa precisa de coragem. Precisa de estar preparada para se expor. Precisa de ser corajosa, e eu fui sempre um covarde. Nancy era a corajosa. E foi então que comecei a leccionar.

No entanto, foi preciso coragem para me desfazer das coisas da minha mulher. Dobrei as suas roupas e guardei-as em sacos. Pus os seus sapatos e carteiras em caixas que tinham servido para armazenar garrafas de vinho. Quando aquele vinho veio cá para casa, eu não fazia ideia de que as caixas em que chegou sairiam com os acessórios da minha falecida mulher. Demorei uma semana a guardar tudo, mais tempo para tirar as coisas de casa.

Eu não suportava a ideia de levar tudo de uma vez, por isso reparti as idas à loja de caridade. Acabei por conhecer bastante bem as duas mulheres da All Aboard. Disse-lhes que as roupas tinham pertencido à minha mulher e depois disso, sempre que eu aparecia, elas interrompiam o que estavam a fazer e arranjavam tempo para mim. Se chegava quando elas estavam a tomar café, faziam uma chávena para mim. Aquela loja cheia de roupas de pessoas mortas tornou-se estranhamente reconfortante.

Eu estava preocupado com a possibilidade de voltar a cair na letargia em que me encontrava desde a reforma depois de concluir a tarefa de arrumar as coisas de Nancy, mas não aconteceu nada disso. Por muito triste que fosse, sabia que tinha feito uma coisa que Nancy aprovaria e tomei uma decisão: dali em diante, faria todos os possíveis para me comportar de uma forma que

faria Nancy sentir amor por mim, e não vergonha, se entrasse na sala. Ela seria a minha editora, invisível, objectiva, sempre a defender os meus interesses.

Uma manhã, não muito depois daquele período de arrumação, eu ia a caminho da estação de metro. Tinha acordado com uma verdadeira determinação: levantei-me, lavei-me, fiz a barba, vesti-me, tomei o pequeno-almoço e estava pronto para sair de casa às nove horas. Estava bem-disposto, antecipando um dia passado na Biblioteca Britânica. Estava com vontade de voltar a escrever. Não queria ficção; queria uma coisa mais sólida, factual. Por vezes, Nancy e eu íamos de férias para a costa de East Anglia e um Verão arrendámos uma torre Martello. Eu sempre quisera saber mais sobre o lugar, mas todos os livros que encontrei sobre o assunto eram muito secos, muito frios. Nancy também tentara, em vários aniversários meus, mas só encontrara livros maçadores, cheios de datas e estatísticas. De qualquer modo, foi o que decidi como projecto de escrita: eu daria vida àquele lugar maravilhoso. Aquelas paredes tinham sido impregnadas com a respiração de outras pessoas ao longo de centenas de anos e eu estava determinado a descobrir quem vivera nelas até agora. Por isso, naquela manhã saí de casa num passo rápido. E depois vi um fantasma.

Não consegui vê-la bem. Havia pessoas entre nós. Uma mulher a empurrar o filho num carrinho de bebé. Dois miúdos a andar devagar. A fumar. No entanto, eu sabia que era ela. Conhecê-la-ia em qualquer lado. Ela caminhava depressa, com determinação, e eu tentei acompanhá-la, mas ela era mais jovem que eu, as pernas mais fortes, e o meu coração disparou com o esforço e fui obrigado a parar durante um instante. A distância entre nós aumentou e, quando consegui voltar a mexer-me, ela tinha desaparecido no Metro. Segui-a, tentando passar pela barreira, com medo de a perder se ela entrasse num comboio. Os degraus eram íngremes, demasiado íngremes, e tive medo de cair ao apressar-me para ir ao seu encontro na plataforma.

Agarrei-me ao corrimão e amaldiçoei a minha fraqueza. Ela ainda estava lá. Sorri ao dirigir-me para ela. Pensei que tinha esperado por mim. E ela voltou-se e olhou directamente para mim. Não havia um sorriso a retribuir o meu. Ela tinha uma expressão ansiosa, talvez até assustada. É evidente que não era um fantasma. Era uma mulher jovem, com uns 30 anos. Usava o casaco de Nancy, o que eu entregara na loja de caridade. Tinha a mesma cor de cabelo de Nancy naquela idade. Ou, pelo menos, era o que eu tinha visto. Quando me aproximei, reparei que a cor do cabelo daquela jovem mulher não era nada parecida com a do cabelo de Nancy. Castanho sim, mas falso, insípido, um castanho morto. Não tinha as tonalidades vibrantes e perfeitas do cabelo de Nancy. Percebi que o meu sorriso a alarmara, por isso afastei-me, esperando que percebesse que eu não queria fazer-lhe mal, que tinha sido um engano. Quando o comboio chegou, deixei-o ir e esperei pelo seguinte – não queria que ela pensasse que estava a segui-la.

Só recuperei completamente a meio da manhã. A tranquilidade da biblioteca, a beleza do local e as tarefas reconfortantes de ler, tomar notas, progredir, levaram-me para o lugar onde estava quando começara o meu dia. Quando cheguei a casa ao princípio da noite, já estava recomposto. Tinha comprado uma daquelas refeições prontas no Marks and Spencer como um presente, um jantar fácil. Abri uma garrafa de vinho, mas só bebi um copo. Agora, não bebo muito, prefiro ter o controlo dos meus pensamentos. Demasiado álcool fá-los disparar na direcção errada, como crianças que acabaram de aprender a andar e estão descontroladas.

Queria analisar as minhas notas antes de me ir deitar, por isso fui para a minha secretária para começar. Os papéis de Nancy continuavam amontoados no tampo da secretária. Mexi em circulares e contas antigas, sabendo de antemão que não encontraria nada muito importante. Se houvesse, não se teria destacado

já? Empurrei tudo para o cesto de papéis, tirei a minha máquina de escrever do armário e pousei-a no centro da secretária limpa, pronta para começar a trabalhar na manhã seguinte.

Quando Nancy escrevia, tinha a sua própria secretária, uma pequena mesa de carvalho que está agora no apartamento de Jonathan. Quando ela deixou de escrever, chegámos à conclusão de que poderia partilhar a minha. Ela tinha as gavetas do lado direito, eu as do lado esquerdo. Ela guardava os seus manuscritos na gaveta do fundo e, embora houvesse outros empilhados na estante, os três que estavam na secretária eram aqueles em que ela tinha mais esperança. Embora soubesse que eles estavam ali, fiquei chocado quando os vi. *Uma Vista do Mar*, *Depois do Inverno* e *Um Amigo Especial*, todos por publicar. Peguei em *Um Amigo Especial* e levei-o comigo para a cama.

Já deviam ter passado quase quarenta anos desde que eu lera aquelas palavras. Ela escrevera o romance no Verão antes de Jonathan nascer. Foi como se Nancy estivesse na cama comigo. Eu ouvia a sua voz com nitidez: Nancy quando era uma mulher jovem, antes de ser mãe. Havia energia nela, intrepidez, e levou-me para um tempo em que o futuro nos entusiasmava; em que as coisas que ainda não tinham acontecido nos emocionavam em vez de nos assustar. Eu estava feliz quando fui dormir naquela noite, pensando que, embora Nancy já não estivesse comigo, eu tivera a sorte de a ter na minha vida. Nós tínhamo-nos aberto um com o outro. Tínhamos partilhado tudo. Eu pensava que nós sabíamos tudo o que havia para saber sobre o outro.

5

Primavera de 2013

– Espera... eu vou contigo – chama Catherine do cimo das escadas.

Robert volta-se junto da porta e olha para ela.

– Desculpa, querida, acordei-te?

Ela sabe o quanto ele se esforçou para não a acordar; tomou um duche rápido, andou em bicos de pés enquanto se vestia. No entanto, Catherine esteve acordada o tempo todo. Deitada na cama. Com os olhos semicerrados. A vê-lo e a amá-lo por ser tão atencioso. Ela esperou o mais que pôde. Quando ele saiu do quarto, levantou-se sem demora, vestiu-se e correu atrás dele. Ainda não podia estar sozinha. Mais tarde talvez, mas ainda não.

Ela senta-se no fundo das escadas, a enfiar os pés nos ténis.

– A minha cabeça está péssima. O melhor que tenho a fazer é sair para desanuviar – diz ela, apertando os atacadores com dedos trémulos. Ela ouve-se, tão normal, tão plausível. Dedos trémulos podem dever-se a uma ressaca. Ela tirou uma semana de férias para desempacotar as coisas e arrumá-las – para transformar esta casa nova num lar –, mas esta manhã não consegue fazer isso. E é verdade, a sua cabeça está péssima. No entanto, não tem nada a ver com as comemorações da noite passada.

Ela vê Robert a olhar para o relógio. Ele tem de chegar cedo.

– Eu não demoro nada – diz ela, correndo para a cozinha, enchendo uma garrafa com água e pegando no seu *iPod* antes de voltar para junto dele a correr. Batem a porta, fecham-na à chave e caminham juntos para o Metro. Ela dá-lhe a mão e ele olha-a, sorridente.

– Ontem à noite foi divertido – diz ele. – Recebeste muitos *e-mails* simpáticos?

– Alguns – diz ela, embora não se tenha dado ao trabalho de verificar. É a última das suas prioridades. Vai lê-los mais tarde, quando estiver em casa, quando a sua cabeça estiver mais desanuviada. Ele belisca-lhe a face, diz-lhe que não deve chegar tarde a casa, que espera que a sua cabeça melhore, e depois desaparece no Metro. Ela vira-se logo que ele se vai embora, põe os auriculares e começa a correr. Segue o caminho por onde vieram, para o único espaço verde da zona. Os seus pés correm ao ritmo da música.

Passa pelo cimo da sua rua e continua a correr. Tem o coração aos pulos e o suor já escorre entre as omoplatas. Não está em forma. Devia estar a fazer uma caminhada em passo rápido, não uma corrida, mas precisa do desconforto. Chega aos portões altos de ferro forjado do cemitério e entra a correr. Consegue dar uma volta e depois pára, ofegante, e dobra-se, apoiando as mãos nos joelhos. Devia alongar, mas está demasiado inibida. Não é uma atleta, apenas uma mulher a correr.

Não pares, não pares. Ela endireita-se e recomeça, numa corrida lenta, sem forçar, deixando os pensamentos fluir. Quando chega a meio caminho, abranda para uma caminhada, mantendo um ritmo rápido para que o coração continue acelerado, para que continue a bater com força. Nomes voam para ela vindos das lápides: Gladys, Albert, Eleanor, nomes antigos de pessoas que morreram há muito tempo. Mas é nas crianças que ela repara. São as lápides das crianças que a fazem parar para ler. Os inícios

e os fins das suas breves vidas. As pessoas não fazem todas isso? Param nas sepulturas das crianças aconchegadas para todo o sempre nas suas camas de relva? Elas ocupam menos espaço que os seus vizinhos adultos e, no entanto, é impossível ignorar a sua presença, a gritarem para que olhem para elas. Por favor, pára um instante. E ela pára. E imagina uma lápide que podia estar ali, mas não está.

Nicholas Ravenscroft

**Nasceu a 14 de Janeiro de 1988,
foi-nos tirado a 14 de Agosto de 1993**

Amado filho de Robert e Catherine

E imagina como teria sido se fosse ela a contar a Robert que Nicholas morrera. E ouve as suas perguntas: Onde estavas? Como é que aquilo pôde acontecer? Como foi possível? E ela teria-se aberto com ele, ter-lhe-ia contado tudo, e ele teria soçobrado sob o peso do que tinha acontecido. Vê Robert a debater-se, a lutar contra aquilo, a tentar manter a cabeça acima do dilúvio, a tentar respirar, mas nunca conseguindo ar suficiente para recuperar totalmente.

Porém, Nicholas não morreu. Ele está vivo e ela não teve de contar a Robert. Todos sobreviveram intactos.

6

Dois anos antes

Na manhã depois de ler *Um Amigo Especial* acordei revigorado. Estava ansioso para começar a trabalhar e tinha planeado ler as minhas notas antes de as dactilografar. Eu sabia que havia algum papel no armário: tudo parecia acabar em cima ou dentro do nosso armário. Eu vi a resma de papel atrás dos jogos de *Scrabble* e *Gamão*, mas, quando tentei puxá-la, ela não saiu. Estava presa na parte de trás do armário. Um painel fazia pressão e empurrei-o, tentando soltar o papel; mesmo assim, não se mexeu. Havia alguma coisa entalada entre o armário e a parede. Passei a mão por trás e toquei numa coisa macia. Era uma carteira velha que pertencera a Nancy: uma carteira esperta, que conseguira escapar à viagem para a loja de caridade.

Encostei-me à parede e estiquei as pernas para a frente, com a carteira no colo. Era de camurça preta com duas pérolas presas uma na outra. Limpei-lhe o pó e espreitei para o seu interior. Havia um conjunto de chaves do apartamento de Jonathan, um batom e um lenço de mão ainda vincado num quadrado onde tinha sido engomado. Tirei a tampa do batom e cheirei-o. Tinha perdido o cheiro e, no entanto, mantinha o formato angular dos anos que acariciara os lábios de Nancy. Levei o lenço de mão

ao nariz e o seu perfume trouxe-me recordações de serões no teatro. O que eu não esperava encontrar foi o envelope amarelo de fotografias com a palavra Kodak em grossas letras pretas à frente. Foi um achado precioso e quis dar-lhe a importância que ele merecia.

Fiz café e sentei-me no sofá, antecipando uma enchente de recordações felizes. Presumi que seriam instantâneos de férias. Acho que até esperei que houvesse algumas da torre Martello: que encontrar a carteira era a forma de Nancy me ajudar a continuar o meu projecto. De certa forma foi, mas não o que eu tinha em mente naquela manhã.

A minha cabeça estava tão clara no princípio do dia, mas depois foi como se o conteúdo da cabeça de outra pessoa tivesse sido despejado nela. Deixei de perceber que pensamentos eram meus e que pensamentos pertenciam a essa outra pessoa; quais eram verdades e quais eram mentiras. O meu café arrefeceu; as fotografias estavam espalhadas no meu colo. Eu esperara imagens que reconheceria, mas nunca tinha visto estas fotografias.

Ela olhava directamente para a objectiva da máquina fotográfica. A seduzir? Acho que sim. Sim, estava a seduzir. As fotografias eram a cores. Algumas tinham sido tiradas numa praia. Ela estava deitada na areia, uma namorada sorridente com um biquíni vermelho. Os seus seios estavam levantados, como se ela fosse uma espécie de *pin-up*, e, sem dúvida, parecia considerar-se uma mulher muito desejável. Confiante. Sim, era isso mesmo. Confiança sexual. Outras tinham sido tiradas num quarto de hotel. Eram desavergonhadas. Ela era desavergonhada. No entanto, eu não conseguia despregar os olhos delas. Não conseguia parar de olhar. Vi-as vezes sem conta, atormentando-me, e, quanto mais olhava, mais zangado ficava porque mais compreendia.

O que me partia o coração é que eu sabia quem tinha tirado aquelas fotografias. A dor veio quando percebi quem estava atrás

da máquina fotográfica. Eu conhecia aquele rosto atraente, embora não conseguisse vê-lo. Fartei-me de olhar mas, por muitas vezes que as observasse, a única coisa que consegui ver foi a sua sombra apanhada na ponta da imagem numa fotografia. Até analisei os negativos, segurando-os contra a luz para ver se havia algum que não tivesse sido revelado. Havia mais negativos que fotografias e esperei que um deles pudesse revelá-lo, mas estavam manchados, desfocados, inúteis.

Como é que Nancy podia ter trazido aquelas fotografias para a nossa casa? Escondê-las de mim, deixando-as ficar a apodrecer na nossa casa. Elas deviam estar ali há anos. Tê-las-ia esquecido? Ou teria arriscado, sabendo que eu poderia encontrá-las um dia? Mas era tarde de mais. Quando as encontrei, ela estava morta. Eu nunca poderia falar com ela sobre aquelas fotografias. Ela devia tê-las destruído. Se não ia contar-me, devia tê-las destruído. Em vez disso, deixara-as para eu as encontrar quando fosse um velho patético; muito depois do acontecimento; muito depois de uma altura em que poderia ter feito alguma coisa.

Uma das coisas que mais admirava em Nancy era a sua honestidade. Quantas vezes teria ela visto aquelas fotografias em privado? Escondendo-as em seguida? Imaginei-a à espera que eu saísse antes de ir vê-las; escondendo-as quando eu chegava a casa. Sempre que eu tirava alguma coisa do armário, sempre que jogávamos *Scrabble*, ela sabia que estavam ali e não disse nada. Confiara sempre nela, mas agora preocupei-me com o que mais poderia ter escondido.

É extraordinário a força que a raiva nos dá. Vasculhei a casa inteira à procura de mais segredos. Ataquei a nossa casa como se ela fosse o inimigo. Fui de divisão em divisão, a rasgar, a entornar, a tombar, a fazer uma confusão dos diabos, mas não encontrei mais nada. Aquela experiência deixou-me com a sensação de que eu tinha acedido a um cano entupido e estava a mexer no esgoto, a tentar desentupi-lo. Mas não havia nada

sólido para agarrar. Só consegui sentir uma imundície macia, que se entranhou na minha pele e sob as minhas unhas, e o seu fedor invadiu as minhas narinas, agarrando-se aos cabelos, acumulando-se nos minúsculos vasos sanguíneos e poluindo todo o meu sistema.

7

Primavera de 2013

Um grão de pó cai na almofada. Mais ninguém ouviria. Catherine ouve. Ela ouve tudo – os seus ouvidos estão bem abertos. Ela também vê tudo. Mesmo na mais completa escuridão. Os seus olhos acostumaram-se a ela. Se Robert acordasse agora estaria cego; Catherine não está. Ela observa os olhos fechados do marido: a contracção das pálpebras, o estremecimento das pestanas, e pergunta a si mesma o que está a acontecer atrás delas. Estará ele a esconder-lhe qualquer coisa? Será tão bom a esconder coisas como ela? Ele está mais próximo dela que qualquer outra pessoa e, no entanto, ela conseguiu mantê-lo na ignorância durante todos estes anos. Apesar de toda a intimidade, ele não consegue ver isso e aquele pensamento é assustador para ela. E, ao esconder tudo durante tanto tempo, ela tornou o segredo demasiado grande para ser desvendado; como um bebé que cresceu de mais para nascer de parto natural, ele terá de ser arrancado. O acto de manter aquele segredo só para si quase se tornou maior que o próprio segredo.

Robert põe-se de barriga para cima e começa a rressonar, por isso Catherine dá-lhe um toque para se virar para o outro lado e ele fica de costas para ela. Com cuidado para não

o acordar – não pode correr o risco de uma conversa a meio da noite –, ela aproxima-se o suficiente para poder cheirá-lo.

Recorda o momento, há vinte anos, em que ele a abraçara e dissera:

– Estás bem?

Ela não estava bem, mas não queria que ele reparasse porque não podia dizer-lhe porquê, e na época não era tão boa a disfarçar como é agora.

– Não, nem por isso – respondera ela, e, embora sentisse lágrimas prontas para saltar, impedira que caíssem porque sabia que, se começassem a correr, seriam seguidas de uma torrente de palavras. Se tivesse chorado, não teria conseguido impedir que tudo o resto saísse também. Por isso, não chorara, fizera uma confissão, mas uma confissão falsa.

– Quero voltar a trabalhar. Até me sinto mal por dizer isto. Sei que tenho a sorte de poder ficar em casa, pois tu ganhas o suficiente para os dois, mas... sinto-me sozinha. Estou deprimida... – Foi naquele momento que começou a escavar um túnel de fuga de si mesma... e também de Nicholas. O filho era uma lembrança constante, embora não pudesse dizer isso a Nicholas. Ela não podia dizer que estar sozinha com Nicholas estava a enlouquecê-la; que a sua presença trazia recordações que queria apagar.

– Compreendes? – perguntara ela. E lembra-se de olhar Robert nos olhos e perguntar a si mesma se ele não se deixaria enganar.

– Claro que sim – dissera ele, puxando-a para si e beijando-a. No entanto, ela sentira o seu desapontamento. Ele tentara escondê-lo com um beijo; tentara disfarçar a pena de ela se ter confessado incapaz de ser o tipo de mãe que ele queria para o seu filho. Ele nunca dissera isto, nunca expressara o seu desapontamento, mas ela sabia que ele estava ali, implícito, entre eles.

Houve um momento em que ela quase lhe contou a verdade. Em vez disso, mentiu de novo e disse que ia passar

o fim-de-semana com uma velha amiga de escola. Era uma amiga que ele não conhecia bem, uma amiga que vivia fora de Londres; ele nunca descobriria. Disse-lhe que era uma emergência – que a amiga estava a ter um esgotamento. Fez uma mala e na sexta-feira seguiu directamente do trabalho, deixando a nova ama ir buscar Nicholas à escola e saindo antes de Robert voltar do trabalho. Apanhou um táxi, não o metro – não queria correr o risco de encontrar algum conhecido.

Quando voltou para casa no domingo à noite, Nicholas já estava na cama. Robert disse-lhe que ela estava pálida e ela respondeu que fora um fim-de-semana muito difícil e que estava esgotada. Era tudo verdade.

– Só preciso de me deitar cedo – disse ela e mudou imediatamente de assunto, perguntando-lhe sobre a nova ama.

– Pareceu boa. Quando cheguei a casa na sexta-feira, o Nick estava bem-disposto.

– Isso é bom – disse ela.

E na manhã seguinte tratou de estar bem. Tinha alguma cor nas faces e teve de preparar Nick para a escola antes de ir trabalhar, por isso não houve tempo para conversar, para ele reparar que estava distraída. O trabalho também era frenético. Estava completamente cheia de trabalho e era o que queria. Queria estar tão ocupada que não houvesse espaço na sua cabeça para recordar. E conseguiu esvaziar a cabeça do passado. O objectivo era esse. Era o que a movia. Agora, o passado voltou a entrar, desviando tudo o resto – e está ali, com o peito inchado, a exigir a sua atenção.

O livro continua na mesa ao lado da cama. Ela não consegue acabar de o ler. Sempre que tenta, recua como uma cobarde, relendo as mesmas palavras vezes sem conta – presa no meio dele. Afasta-se de Robert, sai cuidadosamente da cama, pega no livro e desce para o rés-do-chão como um ladrão.

Pousa-o na bancada da cozinha e vira-lhe as costas, um fraco acto de rebeldia. Hoje é domingo, um dia de descanso, mas não

para si. Faz chá, leva-o para o quarto de hóspedes e senta-se no chão. Há cinco caixas ali, à espera de serem esvaziadas: duas têm o nome de Nicholas; três estão marcadas como *Quarto de Hóspedes*. Ela não se lembra do que contêm. Sente-se um pouco atordoada devido à falta de sono e as suas mãos tremem quando tira coisas, puxando e rasgando jornal, desembulhando *bibelots*, coisas sem sentido e inúteis. Ela esperava uma pista – uma nota, um envelope, alguma coisa que pudesse estar relacionada com o livro e a ajudasse a perceber como viera parar à sua casa –, mas não há nada. Tenta outra caixa. Livros e mais livros, que põe nas estantes vazias, sem se preocupar em levantá-los, deixando-os escorregar e deslizar uns contra os outros e deixando alguns cair no chão com um ruído surdo.

Olha para as caixas de Nicholas. Ele devia ter vindo há uma semana para escolher o que queria, mas não veio, e ela queria fazer isso por ele, mas Robert não deixara. As coisas eram de Nick, não eram suas. E Catherine ficara frustrada porque sabia muito bem que Nicholas não faria aquilo como deve ser. E a ideia é que ele já não tinha um quarto aqui. O que eles tinham agora era um quarto de hóspedes. Para convidados. Nicholas podia vir sempre que quisesse. Claro que sim. E se alguma vez quisesse dormir, é claro que também podia. No quarto de hóspedes. Agora, ele tem o seu apartamento. Paga a sua renda. E isso é bom. Tem 25 anos. Saiu-se melhor do que eles se atreviam a esperar. Tem um emprego. Uma rotina. Independência. E é o que Catherine quer para ele. Uma oportunidade para ser o melhor que pode ser. O fluxo de pensamentos deixa-a ofegante, como se tivesse proferido cada um deles em voz alta.

– Querida? – a voz de Robert é suave, mas ainda assim fá-la saltar. Ela olha-o do seu ninho de jornal rasgado, com as mãos pretas da tinta. São nove da manhã e ela já está levantada há quatro horas. Vê a preocupação que está estampada no rosto dele. Ela está com um aspecto horrível. Aos 49 anos, não é possível não

dormir e pensar que não vai notar-se. É evidente que ele repara no seu rosto pálido e com olheiras.

– Queria começar antes de o Nicholas chegar. Para lhe facilitar o trabalho – mente ela, e observa o caos.

– Isto pode esperar. Não há pressa. Deixa-o fazer isso. – Ele pousa uma mão no seu ombro. – Ovos mexidos?

Ela acena afirmativamente. Está esfomeada. Agora que não dorme, está sempre cheia de fome. Segue-o para o rés-do-chão e afunda-se numa cadeira à mesa da cozinha, um peso morto na divisão.

– Queres que faça o almoço? – sugere ele. Nicholas vem almoçar e ela comprou um frango.

– Não, não, eu quero fazê-lo – diz ela. Sabe que vai sentir-se melhor se puder cumprir o seu papel e esconder-se no cheiro dos sucos de carne a assar.

Vê o livro na outra ponta da mesa da cozinha. Esperava ter alguma paz se o tirasse do quarto. Robert está a observá-la, com uma série de perguntas na cabeça. Ela está deprimida? É a mudança? Prepara-se para falar, mas Catherine antecipa-se. Ela também tem a sua pergunta, preocupada, a brincar com ela, por isso não repara na inspiração de Robert, na sua preparação para falar. Se tivesse reparado, talvez não tivesse tido coragem para perguntar:

– Aquele livro é teu?

Ela certifica-se de que a sua boca está cheia, para parecer casual quando acena para a ponta da mesa. Robert olha e estica a mão para o livro, puxando-o para si, e demora algum tempo a responder. Quando o faz, a resposta é indiferente: abana a cabeça.

– É bom? – Ele pega no livro e vira-o, lendo a informação publicitária na contracapa.

Ela engole em seco.

– Nem por isso. Um bocado lento. – Ela observa-o a virá-lo de novo e a contemplar a capa.

– *O Perfeito Desconhecido* – lê ele. – É sobre o quê?

Ela encolhe os ombros.

– Oh, é absurdo. Enredo fraco. Implausível.

E ele larga-o. Sem cuidado. Sem pensar. Tratando-o como ela gostaria de poder tratá-lo.

– Porquê?

– Pensei que podia ser teu – arrisca ela.

– Obrigado – diz ele, mas ela não sente o sorriso na sua voz.

– Não me lembro de o comprar, é isso. Queria saber de onde veio... – A sua voz perde-se quando ela se levanta e leva o prato para a máquina de lavar-loiça. Robert encolhe os ombros para o livro, intrigado por ela estar tão interessada nele, a pensar se será apenas uma distração do que está realmente a preocupá-la. Está convencido de que ela está a tentar fazer conversa e isso preocupa-o. Eles não são esse género de casal. Não precisam de «fazer conversa». Estão próximos – não estavam tão próximos há anos. Ele reconhece os sinais: Catherine em casa com demasiado tempo livre; demasiado tempo a olhar para dentro; a pensar em si mesma.

– Fizeste um trabalho fantástico na casa, Cath. Já parece a nossa casa. Mas conheço-te bem de mais. Estás ansiosa para voltar ao trabalho, não estás?

Ela olha-o. Ele acredita verdadeiramente naquilo.

– Adoro que não sejas uma fada do lar. Tu devias estar a fazer outro filme, não enfiada aqui dentro a esvaziar caixas e a arranjar a casa.

Os olhos dela enchem-se de lágrimas, uma confirmação para Robert de que tem razão. Ele é o seu porto seguro. Ela deixa-o acreditar nisso.

– Tens razão. Sei que tenho andado distraída...

Ele interrompe-a.

– Então, volta... não precisas de tirar duas semanas de férias. A maior parte do trabalho está feito e podemos acabar

o resto à noite, ao fim-de-semana. Já só restam algumas caixas. Porque não?

– Sim, porque não. – Ela consegue sorrir. E depois o seu cérebro ganha vida. Lembra-se de como o livro foi lá parar a casa. É por vê-lo em cima da mesa. Uma imagem que recorda. Foi pouco depois de se mudarem. A mesa estava cheia de tralha. Uma caixa de copos meio vazia, uma confusão de pedaços de jornal a fazer cócegas na capa do livro enquanto ele esperava pacientemente que ela lhe pegasse. Uma pilha de correspondência por abrir e um envelope almofadado, com o acolchoado cinzento à mostra quando ela o rasgou. E de onde tirou o livro. O envelope tinha sido reencaminhado para eles. Ela recorda a tinta vermelha que riscara o endereço antigo e escrevera o novo. Sente os olhos de Robert pregados em si enquanto arruma o resto das coisas do pequeno-almoço; a sua energia renovada é a confirmação de que ele tinha razão. Ele conhece-a tão bem.

Pensamentos zumbem na sua cabeça: o livro foi mandado para a morada antiga, por isso, quem o mandou não sabe onde ela está agora. Ninguém veio à sua casa, ao seu quarto. Ela vai telefonar à família que se mudou para a sua antiga casa. Vai pedir-lhes para não reencaminharem mais nada. Dirá que é um incómodo demasiado grande. Que não se importa de passar por lá para ir buscar o que houver. Talvez vá mais longe. Talvez diga que receberam algumas cartas pouco simpáticas, nada demasiado sério, mas preferem que nada mais seja reencaminhado. E se alguém pedir a morada deles, não se importam de dizer que não sabem? Ou o número de telefone, não, não devem dar o número de telefone. Decide tudo isto enquanto beija Robert na testa e sobe para tomar um duche. No entanto, fará tudo isto amanhã, não hoje. Hoje vai concentrar-se em Nicholas, na sua família. Em terem um bom domingo juntos.

E se de repente se apercebesse de que é o protagonista do aterrorador romance que está a ler?

Catherine tem uma boa vida: goza de grande sucesso na profissão, é casada e tem um filho. Certa noite, encontra na sua mesa de cabeceira um livro com o título *O perfeito desconhecido*. Não sabe como terá ido parar ao seu quarto ou quem o terá ali posto. Ainda assim, começa a lê-lo e rapidamente fica agarrada à história de *suspense*. Até que, depois de ler várias páginas, chega a uma conclusão aterroradora:

NÃO É FICÇÃO.

O perfeito desconhecido recria vividamente, sem esquecer o mais ínfimo detalhe, o fatídico dia em que Catherine ficou prisioneira de um segredo terrível. Um segredo que só mais uma pessoa conhecia.

E essa pessoa está morta.

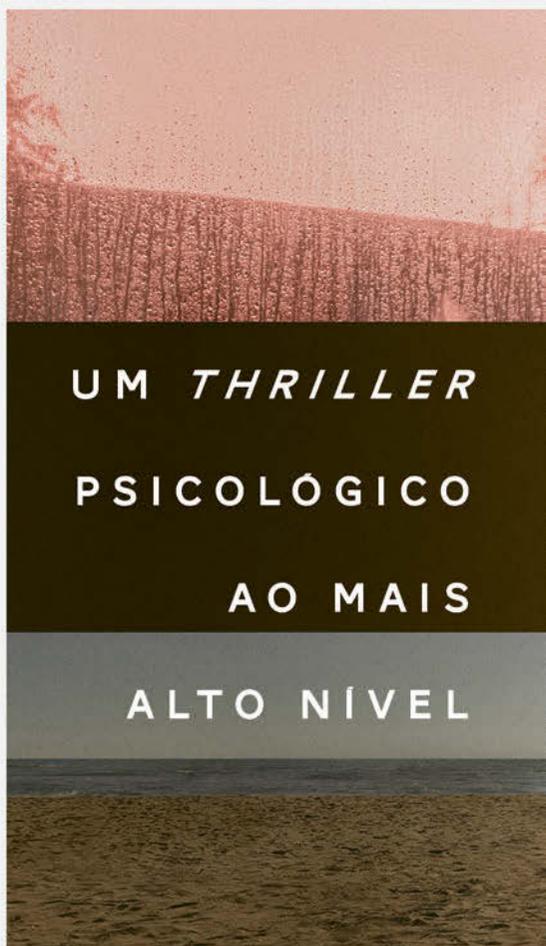
// **Bestseller do New York Times**

«*Pura coincidência* é algo especial... uma história excepcionalmente inteligente e sinuosa, perfeitamente estruturada para deixar o leitor desorientado.»

The New York Times

«O controlo das emoções, a construção, o ritmo e a interligação das narrativas são feitos de forma impecável num romance viciante.»

London Sunday Times



«O encanto de *Pura coincidência* é que o desenvolvimento da história é tão bom como a sua emocionante premissa. Completa a divina trindade do *thriller* psicológico, ao lado de *A rapariga no comboio* e *Em parte incerta*.»

New York Daily News

Cover image © Apple TV+



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789895833818



9 789895 833818 >